

O Senhor do Gelo, capítulo III

Mas, quando Aara e Gdu retornaram ao palácio do governador, Aldebaran já os esperava. Já era o meio da tarde, e Gdu apressou-se em dizer:

-O que há para o almoço? Estou com fome!

-Lianor e Theobaldo comeram pernas de caranguejo e ostras, mas não vamos comer aqui – respondeu o mago – Vamos! Vamos até o porto. Vamos comer na *Taverna do Dragão*!

E assim foram. Desceram, os três, pelas ruas íngremes até chegarem ao porto. Lá, entraram num sobrado de madeira escura, caindo aos pedaços. Passaram sob uma tabuleta com uma figura de um dragão gravada em baixo relevo e penetraram no recinto, que estava abarrotado de piratas mal cheirosos, bebendo aguardente.

Os piratas mal encarados imediatamente os encararam. Então se fez silêncio no salão, pois as três figuras lhes pareceram realmente peculiares. Aara, Aldebaran e Gdu caminharam até uma mesa vazia o mais discretamente que podiam, sob os olhares atônitos dos piratas. Sentaram-se e, aos poucos, os sons de vozes, risos e a música, tocada por dois marinheiros com banjos, retornaram. Imediatamente, o que chamou mais a atenção de Aara foi um enorme quadro instalado numa parede, logo após um balcão. Era uma pintura, de estilo impressionista, retratando uma mulher vestindo azul e com pele e cabelos azuis, que ela deduziu ser uma ondina, aparentemente acariciando a cabeça de um dragão.

-Procurai chamar o mínimo de atenção – recomendou Aldebaran, inutilmente – Disseram-me que é aqui que vive o capitão do *Sombra da Morte*, o único barco que ainda ousa enfrentar o Mar dos Monstros.

-Não estás pensando em tomar aquele barco para o leste, estás? – indagou Gdu.

Aldebaran não lhe respondeu. Limitou-se a encará-lo seriamente com um “É claro que estou!” estampado na face.

-Ouvi-me – disse Aara – tenho uma idéia de como ir para além da Perna do Caranguejo. Estamos ao nível do mar e então Bohas pode voar. Estou certo que ele poderá erguer a arca se a amarrarmos bem sob o seu ventre. Faremos várias viagens. Ele poderá nos transportar sobre o mar!

Ao ouvir a proposta da rainha, fragmentos de memória se ativaram na mente do mago. Era muito jovem ainda, mas se lembrava perfeitamente da imagem, que jamais lhe abandonaria, de Anahar sobre o dorso de Bohas, tentando fazer o mesmo percurso e como eles foram *sugados* para dentro do mar e quase se afogaram.

-Não, Aara. Muito perigoso – respondeu o mago. – Há criaturas no mar que podem capturar pássaros e outros bichos que voam. Não. Prefiro um sólido convés sob meus pés!

-Bem, nisso acho que ele tem razão, Aara – concordou Gdu, apavorado com a possibilidade de cruzar o Mar dos Monstros *voando*.

Então, uma garçonete se aproximou da mesa. Era uma senhora, cheia de rugas e tatuagens, mas forte e musculosa. E não tinha uma voz feminina e também não era muito delicada:

-Vão querer o que?

-O que há para comer? – indagou o gnomo.

-Temos apenas polvo, enguias e ostras. Além disso, só arroz e mandioca cozida.

-Quero arroz e mandioca cozida – disse Aldebaran.

-Ostras para mim, por favor – disse Aara.

-Acho que se ficar mais tempo nesse lugar vou ficar doente! – comentou Gdu. – Também vou de ostras! Mas traze-me vinho também, para descer melhor!

-Vinho? – disse a garçonete, com cara de nojo. – O que é isso? Para beber, só temos água e aguardente!

-Água! – disseram Aara e Aldebaran, em uníssono.

-Aguar... – Gdu iria dizer “aguardente”, mas um olhar mais duro dos dois companheiros fez com que ele completasse assim a sua frase: - Águar! Traga-me água!

A garçonete se foi e Aldebaran notou que alguns piratas mal encarados se agitavam, olhando para eles.

-Ouvi-me – disse ele, aproximando o rosto dos dois companheiros – se alguns daqueles piratas vierem nos abordar, lembrai-vos: não importa o que digam para nos provocar, vamos ficar serenos e não dizer absolutamente nada! Acho que eles estão doidos para brigar!

Mas quem se aproximou não foram os piratas, mas uma velha cigana. Dirigiu-se a Aara e lhe disse:

-Que bela moça temos aqui! Vejo dignidade nos teus olhos, minha filha. Até pareces uma rainha! Posso ler a tua mão? Peço apenas uma moeda!

Aara sorriu para ela e ficou com vontade de ter a mão lida. Olhou para Aldebaran e indagou-lhe:

-Tens uma moeda?

Aldebaran inclinou-se e lhe cochichou no ouvido:

-Todas as moedas que temos têm a tua efígie. Mas Gdu tem ouro!

-Gdu, empresta-me uma pepita?

Gdu olhou para Aara, depois para Aldebaran e disse:

-Seu dedo duro!

Então, enfiou os dedos no interior de um bolso e os dedos penetraram em uma pequena sacola que ali havia, retirando de lá uma pequenina pepita de ouro, do tamanho de um grão de feijão. Ele estendeu-a à cigana e esta arregalou os olhos, feliz da vida. Aara estendeu a mão e ela disse:

-Hummm! Vejo que terás uma vida longa!

“E fará longas viagens”, pensou Aldebaran.

-E fará longas viagens! – disse a cigana.

O mago olhou para o teto, impaciente.

-Vejo que te casarás. És solteira, ainda? – continuou a cigana – E terás um... dois... três filhos!

Aara sorriu, satisfeita.

-E... ora! O primeiro está próximo! Em menos de um ano estarás grávida!

Então, Aara ficou apreensiva.

-Menos de um ano! – repetiu ela.

Então, a cigana a mirou no fundo dos olhos e completou, com um ar espantado:

-E grande vida terás! Grandes feitos!

Então, se afastou, andando de costas, mirando a rainha:

-Grandes feitos! Grandes feitos!

E se foi.

Aldebaran tomou a mão da rainha, dizendo:

-Deixa-me ver isso!

E leu as linhas, e ficou pensativo.

-Que foi? – indagou a rainha.

-Ah, bobagem! – disse ele, soltando-lhe a mão.

Mas não era bobagem. Aldebaran vira que o que a cigana dissera tinha fundamento. Mas não pôde pensar muito naquilo, pois um pirata bêbado, careca e barrigudo, aproximou-se deles, cambaleando, e disse:

-Ora, ora, ora! Que tipo de criaturas o mar pariu por aqui?

Aproximou-se do lado de Gdu e começou a puxar-lhe a barba, dizendo:

-E então, baixinho, essa barba é postiça?

Gdu retesou os dedos na mesa, louco para revidar, mas Aldebaran lhe recomendou:

-Não revides! Não estamos aqui para brigar!

Então o gnomo se conteve. Não satisfeito, o pirata aproximou-se de Aara e lhe cochichou alto no ouvido:

-Olá, meu bem! Que tal irmos até um quarto lá em cima para me mostrares os teus encantos?

Então, Aldebaran tentou dialogar:

-Senhor, estamos aqui pacificamente...

Mas o pirata o interrompeu:

-Ora, que figura estranha!

E se aproximou de Aldebaran:

-Cabelos lisos, compridos... Hummm, e que roupa é essa... parece um vestido... Tens certeza de que não és uma mulherzinha?

E, então, ele se pôs a rir, desmesuradamente, sendo acompanhado por vários outros piratas no recinto. E o pirata ria tanto que tinha que segurar a barriga para conter o seu balanço. Aldebaran, que tinha pavio curto, olhou profundamente para o homem e indagou, educadamente:

-O que dissestes, senhor?

Mas, antes que o pirata pudesse responder, recebeu três golpes precisos do cajado do mago: um no queixo, outro na barriga e outro na nuca, derrubando definitivamente o pirata no chão. E Aldebaran nem mesmo se dignou a se levantar.

-Hei! – protestou Gdu. – Não disseste para não revidarmos?

O mago deu de ombros e, antes mesmo que pudesse dizer qualquer coisa, um pirata enorme e forte agarrou Aldebaran pelo colarinho e ergueu-o no alto dizendo:

-Bateste no meu amigo!

Mas Gdu saltou sobre a mesa, dizendo:

-Hei, larga o meu amigo!

E pulou sobre o pirata, derrubando-o no chão, levando Aldebaran junto.

Um pirata, que estava bebendo no balcão virou-se para um outro e disse:

-Hei, isso parece uma briga!

E o outro respondeu, animado:

-É! Há quanto tempo não temos uma boa briga!

E partiram os dois correndo, caindo sobre Gdu, que já se levantava.

Então, outros piratas passaram a gritar:

-Briga! Briga!

E vieram em bandos. Mas Aara, que já via tudo se passando muito lentamente, os derrubou todos.

E, então, a briga já estava generalizada. Aldebaran se levantara e aplicava o seu cajado sem dó nem piedade, derrubando dúzias de piratas e sem qualquer pudor em usar o poder do seu instrumento, aplicando choques elétricos naquelas pobres almas. Gdu rapidamente pulava sobre as suas cabeças, sem que eles tivessem agilidade suficiente para segurá-lo, e batia nas suas cabeças com pedaços de pau que havia sobrado de cadeiras quebradas. Aara, com facilidade, se desviava dos seus golpes, aplicando-lhes socos e pontapés precisos. E, quando acontecia de um pirata aplicar um soco nela e errar e acertar outro pirata, geravam-se também brigas particulares, onde piratas contra piratas rolavam pelo chão.

Bem, para resumir, cadeiras voaram; garrafas foram estilhaçadas nas cabeças uns dos outros e o chão ficou forrado de dentes podres de piratas. Até que Aara achou que aquilo estava indo longe demais. Não porque ela, Gdu e Aldebaran estivessem em risco, mas porque os piratas estavam apanhando feio, e iriam, ainda, apanhar muito. Então, ela retirou o pano sobre o cabo de Alionora e a retirou da bainha, erguendo-a e disse:

-Parai já com isso, ou experimentareis o fio desta espada!

Imediatamente, todos pararam seus movimentos, como se congelassem. Olharam espantados para a espada. Gdu, que segurava um pobre coitado de um pirata desdentado pelo colarinho, ainda aproveitou para dar um último soco, deixando-o desacordado no chão. Então, um jovem pirata disse:

-Ora! Foram vocês que começaram!

Então, um outro mais velho retrucou ao primeiro:

-Seu idiota! Não reconheces essa espada! Nunca olhastes para a estátua do rei?

E um dos piratas se ajoelhou, juntando as mãos, e disse:

-É a Grande Rainha! O capitão disse que ela viria!

Então, os outros piratas também se ajoelharam em volta de Aara. E, enquanto ela abaixava a espada, pôde ver os seus rostos. Admiravam-na, agora, como uma imagem

milagrosa, uma deusa. Um deles, com um dente torto, preso por uma única tira de nervo, e a boca ensangüentada, escorrendo sangue pelos cantos da boca até pingar no chão, a olhava com uma feição apaixonada, como se estivesse diante do próprio paraíso.

Um silêncio se estabeleceu, mas Aldebaran o quebrou:

-Estamos aqui para falar com o Capitão Phoebe!

Então, um deles falou:

-Devemos tirar no palitinho, para ver quem vai acordar o capitão!

E outro disse:

-Eu é que não entro nesse sorteio! Da última vez que o acordaram, ele fez o sujeito andar na prancha!

E outro ainda completou:

-É! Mas a rainha quer falar com ele. Se não o acordarmos, vai nos colocar todos a ferro!

Mas não foi necessário acordar o capitão. De repente, o chão começou a tremer. Não continuamente, mas a solavancos espaçados. E, cada solavanco que sentiam no piso de madeira, abaixo dos seus pés, era acompanhado por um som grave e surdo, uma espécie de pancada seca e distante. “Tum!”, e o chão tremia. Dois segundos e outro “tum!”, e o chão tremia novamente. Os piratas começaram a tremer e uma porta enorme de madeira, que ligava o salão onde estavam a um recinto anexo, se abriu com um ensurdecido rangido. E, então, uma luz forte invadiu o escuro salão, vinda de uma extensa janela no fundo do recinto, por onde entrava a luz do sol que se punha no horizonte. Então, Aara pôde ver apenas uma silhueta contra a luz, e o que viu congelou o seu coração, pois era a silhueta de um ser monstruoso, meio homem, e meio... aranha!